

**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS**  
**GRUPO DIVULGAÇÃO**  
apresenta



de  
**OSWALD DE ANDRADE**

**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS**  
**GRUPO DIVULGAÇÃO**  
**apresenta**



**de**  
**OSWALD DE ANDRADE**

**Junho**  
**1995**

***“ Não terás os carros dos triunfadores  
Nem choros de escravos  
Porque quiseste libertar os homens.  
Estacará diante de ti  
A máscara da negação  
Lutarás com a vida face a face  
Sem subterfúgios nem dolo  
E ficará o eco de tua queda”***

**OSWALD DE ANDRADE  
“O escaravelho de ouro”**

## OSWALD DE ANDRADE

Maria Lúcia C. R. Ribeiro

O *palhaço da burguesia*, assim se auto-flagelou publicamente Oswald de Andrade. E o flagelo pegou. O grande símbolo do Modernismo brasileiro acabou sofrendo o destino de todos os símbolos: a arbitrariedade motivada de integrar o próprio anedotário de que se serviu. O feitiço virou contra o feiticeiro.

Senhor de uma cultura aristocrática, vivência de *dandi* cultural, Oswald virou programa de vestibular, coletânea de poemas-piadas, autor dos manifestos modernistas, mas, seguramente, muito pouco conhecido, inclusive por nossos estudantes de letras.

Sua obra era moderna demais para o próprio modernismo e o contato com a genialidade inventiva de um escritor que, ao mesmo tempo, foi capaz de produzir e promover, é, sem dúvida incômodo. O potencial dinâmico de metamorfose e a habilidade com que o escritor se move nas diferentes formas de escritura: do jornalismo à crítica, da polêmica ao pasquim, do poema ao romance político, deste ao experimental (ou vice-versa) e daí ao teatro e ao roteiro de balé, é demais para uma sociedade que tem medo de olhar o próprio rosto.

E a obra literária de Oswald de Andrade é um retrato do Brasil captado por uma câmara ambígua, porque capaz de articular duas angulações diferentes: a do nativo eufórico e orgulhoso da riqueza de sua terra e a do viajante estrangeiro que é capaz de se alheiar deste sentimento emocionado e enxergar além das belezas naturais. Nele se associam o impulso inventivo e o conhecimento de causa, sem se tornar um *chato-boy* marcado pela sisudez científica. Aliás a própria ciência se contagia pela magia, quando tocada por este prestidigitador das letras.

Muito antes que o Brasil se deslumbrasse com as teorias da colagem, da paródia, da carnavalização, da intertextualidade, Oswald já exercia essa literatura que, embora rotulada de pós-moderna está encravada no próprio cerne do modernismo descrita em seus manifestos. Porque Oswald sempre foi pele e captou pelos poros a histórica vocação anedótica, carnavalesca e paródica da invenção brasileira. E levou a sério ao transformá-la em arma contra a estagnação e veículo da espinafração.

Mas levar a sério, para um escritor da verve de Oswald de Andrade, que não respeita nada nem ninguém, é sempre brincar com a escritura, com a ideologia, com a própria goma que enrijece o colarinho dos homens de letras e do poder. Seu poder de síntese e sua irreverência intrínseca são qualidades impares

no seio da verborragia bacharelesca que infesta nossa literatura de um conteudismo redutor.

Por isto Oswald se transforma numa espécie de símbolo do Brasil e remédio necessário em todos os momentos em que o país se vê ameaçado de colonização. Porque ele é o grande trombeteiro do orgulho nacional e o principal carrasco de nosso arraigado complexo de inferioridade ante o estrangeiro. Afinal, ele foi um cidadão brasileiro do mundo.

Biograficamente o escritor vivenciou, também na pele, todas as agruras do homem brasileiro em queda vertiginosa da elite ao anonimato econômico. Da aristocracia cafeeira, passou ao trabalho árduo do jornalista, da glória do bufão do modernismo ao esquecimento da obra que construiu, da opulência das festas burguesas aos escritórios de usurários.

Literariamente construiu uma obra instigante. Na coluna diária que escrevia desfechava flechas e soprava as feridas, penitenciando-se, às vezes por convicção transformada, às vezes por mero oportunismo. Sua poética vai da crítica história de cortante sentido de humor, a um lirismo amoroso e uma mágoa dilacerantes. Seus romances são trincheiras de luta: pela nova escritura, ou pela nova ideologia política. Suas peças teatrais deveriam ter sido marcos da renovação dramática brasileira, mas o atraso do palco - mesmo com a contribuição dos exilados estrangeiros - foi incapaz de sustentar o alto grau de avanço de seus procedimentos dramáticos. Só José Celso Martinez Correia, trinta anos depois, seria capaz de transpor, para o palco, e com extrema fidelidade, a concepção cênica de Oswald de Andrade.

E como um anátema ou uma destinação, mais uma vez o escritor teve seu nome atrelado a uma importante reviravolta estética da cultura brasileira: o tropicalismo. Como se pode deduzir, a principal característica da obra literária e dramática de Oswald de Andrade é este poder de projeção da utopia, esta espécie de rastreador oracular capaz de se construir a cada época, numa metamorfose perfeita de inscrição histórica. Aí está, talvez, o segredo de uma universalidade fincada nas raízes mais profundas da nacionalidade, um experimentalismo de fundamento popular sem folclorismo.

Mesmo em seus ensaios científicos - até hoje bem pouco estudados fora dos cânones rígidos das concepções da lógica cartesiana que não admite contradições - aponta para o rumo da inventividade. A manipulação de conceitos, a conjunção paródica e aberta aos deslocamentos da interpretação são traços indiscutíveis da moderna concepção crítica da ciência.

## CRONOLOGIA

1890 - 11 de janeiro

Nasce, na cidade de São Paulo, José Oswald de Sousa Andrade, filho único de família abastada. Filho de José Nogueira de Andrade, de Baependi (MG) e de D. Inês de Sousa Andrade, de Óbitos (PA).

1908

Forma-se no Ginásio de São Bento

1909

Entra na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e inicia seu trabalho como jornalista.

1911

Funda a revista semanal *O Pirralho*, na qual revelará o escritor Juó Bananere (Alexandre Marcondes Machado) e o caricaturista Voltolino.

1912

Viaja para a Europa, voltando no mesmo ano logo após receber a notícia da morte da mãe. Traz consigo a parisiense Kamiá, com quem tem o filho Nonê, José Oswald de Sousa Andrade Filho e, na bagagem cultural, as novidades da vanguarda européia, entre elas o *Manifesto futurista*, de Marinetti.

1916

Publicação do primeiro livro, escrito em francês, em parceria com Guilherme de Almeida: as peças *Leur âme* e *Mon coeur balance*, segundo o próprio autor justamente ignoradas pela crítica.

1917

Fim de *O Pirralho*. Conhece Mário de Andrade e Di Cavalcanti. Defende Anita Malfatti dos ataques de Monteiro Lobato. Casa-se *in extremis* com a namorada Deisi. Descobre Victor Brecheret. É orador do Centro Acadêmico XI de Agosto e termina o curso de Direito.

1918-1919

Compõe com os amigos da *garçonnière* a obra conjunta *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, caderno composto de colagens, anotações, poemas e piadas.

1922

Participa ativamente, como ponta de lança, da Semana de Arte Moderna, sendo chamado de "arauto" e cérebro pensante do evento. Publica *Os Condenados* (Primeiro volume da *Trilogia do exílio*)

1923

Termina o livro *Memórias sentimentais de João Miramar*, publicado no ano seguinte com capa de Tarsila do Amaral.

1924

Publica *Memórias sentimentais de João Miramar* e, no jornal *Correio da Manhã*, publica o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*.

1925

Sai o livro de poesias *Pau-Brasil*, com ilustrações de Tarsila do Amaral.

1926

Viaja para a Europa e Oriente. Casa-se com a pintora Tarsila do Amaral, com quem vive até 1930. Frequenta importantes rodas intelectuais européias, convivendo com as principais personalidades artísticas da época.

1927

Publica *A estrela de Absinto*, segundo volume da *Trilogia do exílio* iniciada por *Os Condenados*, mudando o nome do primeiro romance para *Alma*.

1928

Com Raul Bopp, dá o nome de *Abaporu* (O homem que come) ao quadro que ganha de Tarsila e que, conhecido como "*O Antropófago*" será símbolo do movimento antropofágico, iniciado com Bopp. Lança a *Revista de Antropofagia* e o *Manifesto Antropofago*.

1929

Segunda dentição da *Revista de Antropofagia* agora publicada no *Diário de São Paulo*. Derrocada financeira devida à crise do café. Polêmica com Mário de Andrade, faz com que os dois se afastem para sempre.

1930

Com lances folhetinescos, termina o casamento com Tarsila do Amaral, para se unir a Pagu, Patricia Galvão, jovem declamadora e escritora protegida do casal.

1931

Por influência de Pagu ingressa no Partido Comunista e lança com a mulher o jornal *O Homem do Povo* do qual participará, também Queiroz Lima. Escreve, em Paquetá, a peça teatral *O rei da vela*.

1933

Publica *Seralim Ponte Grande*, obra escrita entre 24 e 28 e que merece prefácio crítico e autocrítico onde repudia o Modernismo e o Movimento Antropofágico, em nome de uma literatura de função político-revolucionária.

1934

Publica *A Escada Vermelha* (anteriormente planejada como *A Escada de Jacó*), último volume da *Trilogia do exílio*. Escreve a peça *O homem e o cavalo*, sob forte influência do construtivismo de Meyerhold e decidido a construir um teatro-estádio.

1935

Separa-se de Patricia Galvão com quem teve o filho Rudá.

1937

Publicação do que chamou de *teatro de tese*: o conjunto das peças teatrais escritas desde 1933 - *O rei da vela*, *O homem e o cavalo* e *A Morta*. Nesta última peça, chamada de *ato lírico em três quadros*, como no Prefácio de *Seralim*, o poeta faz um exame de consciência de sua prática literária e propõe para o artista a *linguagem da metralha*, a ruptura com quaisquer experiências formais e uma escritura ideológica e de prática revolucionária anti-acadêmica. Casa-se com Julieta Bárbara.

1939

Viaja à Europa para o Congresso dos *Pen Clubs* na Suécia e retorna quando irrompe a Segunda Guerra Mundial.

1940

Candidata-se à Academia Brasileira de Letras, através de Carta Aberta publicada em todos os jornais.

1942

Pública, dedicado a sua última esposa, Maria Antonieta D'Alkimin, *Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão*, em estilo diverso de toda sua poesia anterior.

1943

Publica o primeiro volume do que deveria ser mais uma trilogia: *Marco Zero*, intitulado *A Revolução melancólica*.

1944

Publica "Meu Testamento" *Testamento de uma geração*, pela Editora Globo, de Porto Alegre.

1945

Rompe com o Partido Comunista. Publica o segundo volume da trilogia: *Chão*. Faz concurso para a cadeira de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, da USP, apresentando a tese *A arcádia e a Inconfidência*.

1946

Publica o livro de poemas *O escaravelho de ouro*.

1948

Participa do Primeiro Congresso Paulista de Poesia. Combate a "geração de 45".

1950

Escreve a tese *A crise da filosofia messiânica*, para Concurso para a cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. Candidata-se a deputado federal por São Paulo, pelo PRT. Faz comunicações e participa de Congressos de Filosofia, apresentando *Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial*.

1954

Termina o primeiro volume do livro de memórias *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* (publicação póstuma) e escreve para *O Estado de São Paulo*.

Morre em 22 de outubro, deixando mais dois filhos de seu último casamento, Paulo Marcos e Antonieta Marília.

## COM A PALAVRA, O BUFÃO

"A vida não é em ordem direta, nem em ordem direta se processam as histórias de cada homem, de modo a vir a ser uma deformação a cronologia de episódios sucessivos que nos oferecem os naturalistas nas suas narrativas".

(*Telefonema*, p. 110)

"Não é possível, a pretexto de uma volta ao normal eliminar-se da criação plástica contemporânea, a pesquisa que resultou de um século de análise do homem. Nada excluirá Guernica do coração da pintura social. A pretexto de inaugurar um novo ciclo clássico, instalar-se-ia a pequena e sempre vitoriosa e servil, paciência acadêmica, sem espírito e sem drama. Seria excluir da criação toda aventura". (*Marco zero*, p. 109)

"O homem é o animal que vive entre dois grandes brinquedos - o Amor onde ganha, a Morte onde perde. Por isso, inventou as artes plásticas, a poesia, a dança, a música, o teatro, o crico e, enfim, o cinema.(...)

A arte livre, brinco e problema emotivo ressurgirá sempre porque sua última motivação reside nos arcanos da alma lúdica". (*A crise da filosofia messiânica*, p. 109)

"No fundo de cada Utopia não há somente um sonho, há também um protesto." *A marcha das utopias*, p. 195)

"Um depoimento terrível contra a retaguarda burocrática da última conflagração, onde o homem passou a ser um número, ficará marcando essa era implacável de desumanização." (*Ainda o matriarcado*, p. 209).

"Não há mais penosa evolução do que a evolução do pronto que vive de recursos potenciais. O Brasil tem sido assim. Com o bolso furado, senta-se à mesa dos grandes que o adulam para fins inconfessáveis.(...) Seu cartaz é o ufanismo. Mas sua de sol a sol para sobreviver. Enquanto ostenta o verniz asfaltado de suas avenidas, traz o berne nas costas e calosidade portinaresca nos pés descalços. Enquanto a alguns eleitos sobra a farta messe dos lucros extraordinários, o povo se debate nos orçamentos rasos e espera os prometidos milagres do dia seguinte. Assim não pode continuar." (*Telefonemas*, 3 linhas e 4 verdades, p. 102-30)

"Trago rapadura de cidra e uma alma pré-homérica cheia de pinga com limão. Positivamente amanhece na vida". (Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe, p. 110)

"O que o homem quer é brigar. Pela "sua verdade" que em geral é apenas a máscara de sua fome" (Telefonema: 3 linhas e 4 verdades, p. 110)

"Mas hoje não há mais a palavra "irremediável" no Brasil. As raposas se farejam e dão botes simbólicos que não matam ninguém. Você verá dentro de pouco tempo, de braços dados, beltrano, sicrano e fulano traindo fulano, sicrano e beltrano"

17.3.48 (Telefonema, p. 155)

"O erro do homem é pensar que é o fim do barbante... o barbante não tem fim..."(A Morta)

"Voltar para trás é que é impossível. O meu relógio anda sempre para a frente. A História também" (Prefácio de Serafim Ponte Grande).

"Ao poeta falta a massa para que seus grandiosos pleitos se consolidem e se cumpram. É desse fermento ligado à vossa consistência que se fazem as transformações do mundo" (Ponta de lança, p. 57).

"Quando te debruçares  
Sobre a lívida ambigüidade  
Nada será interrompido  
Não estremecerá a estátua do físico  
Nem a sacra estupidez  
Nem a miragem  
Nem a fraternidade ansiosa

Ninguém quis comprar o poeta"  
(Poesia Completa: O escaravelho de ouro, 1946).

"O homem é o animal que vive entre dois grandes brinquedos - o Amor onde ganha, a Morte onde perde. Por isso, inventou as artes plásticas, a poesia, a dança, a música, o teatro, o circo e, enfim, o cinema. (A Crise da filosofia messiânica, p. 126)

## O HOMEM E O CAVALO

Maria Lúcia C.R.Ribeiro

Seguramente a mais polêmica das obras teatrais de Oswald de Andrade, *O homem e o cavalo* é um espaço privilegiado da irreverência antropofágica do autor. Estruturada sob a forma dessacralizada da paródia do auto medieval de Maiakovski *O Mistério Bufo*, a peça preserva as alegorias e o humor descarado do teatro popular.

O plano oswaldiano de escrever uma peça afinada ideologicamente com sua condição de recém adepto do Partido Comunista parece, ao olhar desatento, historicamente marcada. Entretanto, a sabedoria do bufão com suas lebres sempre escondidas no bolso, infelizmente, continua a traçar com a crueldade e a lucidez que só o chicote cômico possui, um nitido painel de nossos desacertos históricos.

Painel é uma palavra-chave para esta peça e o segredo fundamental de sua extrema modernidade. Quadros aparentemente desconexos, euforia de imagens e ruptura absoluta com a verossimilhança ou com qualquer certeza - política, ideológica ou ética - diagnosticam sem desvio nosso imenso cadáver gangrenado.

A intertextualidade tão em voga neste final de século é o traço unificador de uma estética que não poupa nada. Do Céu entediante ao Inferno burguês, e, mesmo, a utopia triunfalista do socialismo automatizante, tudo na peça tem sabor de Juízo Final ou Acerto de Contas em que todos saem perdendo, morrendo de rir.

A ruptura temporal, que faz dialogar personagens-símbolos ao mesmo tempo emergentes da história, da anedota política, dos mitos dos quadrinhos ou do melhor cinema, deriva da poderosa corrente do teatro popular da *sátira menipéia*, fonte esquecida da estética circense e da pós-moderna. Uma ironia sarcástica própria do discurso oswaldiano colore o texto e convoca o encenador a completar o que ficou *por-fazer*, mergulhando neste banquete tropical cosmopolita que é a antropofagia modernista brasileira.

A peça é uma viagem e como tal deve ser encarada, em todos os sentidos possíveis. Ela não acaba no texto, nem no espetáculo, mas permanece na mente do espectador como uma recordação ao mesmo tempo divertida e transgressora. O peso da irreverência chega a tocar as raias de um escândalo do qual



ninguém que a assiste pode deixar de participar, sob o preço mesmo de uma leve dor na consciência pelo abalo que sofrem todos os valores do sagrado e do profano.

É, sem dúvida, uma ousadia encenar *O homem e o cavalo*. Não foi a toa que a peça foi proibida, quando Flávio de Carvalho tentou apresentá-la em 1940 e a polícia montada interditou o espetáculo. Também em 1972, a tentativa de Ruth Escobar estancou na Censura Federal. E hoje, quando o socialismo comunista já tem sua falência decretada e a democracia ideológica se auto-declara com ufanismo e como justificativa para todos os pecados econômicos, continua a ser ousadia mergulhar nesta carnavalização radical.

Isto porque o atrevimento da peça ultrapassa o discurso panfletário então pretendido pelo autor. Por detrás dele está a lucidez desconfortável do palhaço da burguesia Oswald de Andrade, o autor teatral que melhor diagnosticou as mazelas brasileiras, mas, também, um portador de uma espécie de vírus que contagia quantos dele se aproximam, transformando-o em uma espécie peculiar de pensadores incapazes de compactuar com a hipocrisia e corajosos para enfrentar e denunciar a lógica falida que rege as relações humanas no país medieval que hipoteca até as palmeiras.

Esta é a razão fundamental para que, neste momento histórico brasileiro preciso, em que o casuismo preside as relações humanas legalistas e qualquer lei pode ser rompida sem maior pudor, *O homem e o cavalo* venha à cena, para alertar sobre a permanência dos pactos indecentes e desumanos camuflados de modernidade. Oswald de Andrade não é apenas mais um escritor genial da safra modernista, mas um antídoto contra o logro e a manipulação das consciências. É o arauto do cadáver gangrenado da sociedade desumana, burocrática e cruel. É o vírus necessário à salvação ética do homem brasileiro e o envenenador do banquete dos eleitos.

E este vírus escapa, mostrando que, em qualquer esforço de desumanização do homem ali está a ameaça da rebelião. A grande alegoria do cavalo - símbolo que acompanha a trajetória histórica do homem - esclarece, com a fuga do burro que carregou o Cristo, a presença de todos os cavalos da história, da fábula e da indústria - signo equivocado do progresso - representado pelo cavalo-vapor. Solto o portador dos signos da submissão, o homem estará sempre assombrado pelo eterno e esquecido da utopia que constrói o presente projetado para o futuro.

## OSWALD DE ANDRADE E O GRUPO DIVULGAÇÃO

Maria Lúcia Campanha da Rocha Ribeiro

"A arte livre, brinco e problema emotivo ressurgirá sempre porque sua última motivação reside nos arcanos da alma lúdica" (Oswald de Andrade). Esta maneira de ver a arte como um processo fundamental de libertação do homem e da sociedade, este repúdio à sisudez das mensagens monológicas que só ressoam entre seus pares, é um dos princípios fundamentais da estética oswaldiana com a qual o GRUPO DIVULGAÇÃO vem comungando ao longo de sua história.

Resistir a momentos extremos de repressão político-ideológica, ou, o que se delineia como ainda pior, de falsas liberdades de expressão e, ao mesmo tempo, ausência absoluta de permissão para construir o futuro. Resistir à queda vertiginosa da dignidade do humano em nome de cifras e sob o rótulo enganador de uma expectativa de futuro no qual não se tem participação, já que vivemos mais uma etapa de colonização na qual o que é bom para fora se sobrepõe às necessidades urgentes. Esperar pelo futuro sem poder planejá-lo, é um desafio em que só a palavra de Oswald de Andrade pode ressoar.

Assim tem sido para o DIVULGAÇÃO, toda vez que a ironia da situação sufocou e só o anarquismo de lucidez sarcástica parecia mensagem eficaz. Em 1972, comemorava-se, em plena ditadura militar, o sesquicentenário da Independência. Seria possível prever algo mais insólito? E a resposta que encontramos estava ali, em *A morta*, conclamando a todos para que salvassem "*suas podridões da fogueira acesa do mundo*", fazendo com que todos assumissem sua parcela de responsabilidade pelo *cadáver gangrenado* que exalava dos porões desconhecidos da tortura encoberta pelo ufanismo milagreiro. Com ela burlamos a Censura e conquistamos nosso primeiro prêmio nacional, denunciando, via Oswald, a massificação televisiva, a atuação paramilitar da TFP e o predomínio dos valores mortos sobre os vivos.

Em 1982, quando se anunciava uma abertura que, como todas as transformações históricas brasileiras, repetia o discurso vertical de cima para baixo, construindo um cronograma cruel e estatístico de aprisionamento do valor das

ideologias e da ética, *O Rei da Vela* subiu à cena para denunciar o que acontecia *por debaixo do pano*. O Reinado dos economistas pós-graduados na Metrópole ainda não tinha se instalado, mas *Mr. Jones*, ou o FMI, já nos deixava de tanga e nos obrigava a *hipotecar até as palmeiras*. E o que não dizer da Floresta Amazônica? Dez anos depois o dono *mostraria sua cara*.

Já não se precisava mais temer as eleições diretas, pois na sociedade do efeito e do simulacro a ideologia seria comparada ao mofo dos museus. Uma imagem vazia foi derrubada, e depois da ruína da esperança só bastava um Plano para tapar o sol com a peneira. O poder da mídia foi novamente colocado e parece ofuscar o confisco da cidadania em nome da cidadania. Agora se confisca todos os direitos conquistados a duras penas, e no país dos miseráveis é fácil duplicar as gratificações dos burocratas, mas é preciso suar para aumentar um pouco a esmola dos assalariados.

Só mesmo Oswald de Andrade, em *O Homem e o Cavalo* para restaurar, com a ideologia da espinafração, a dignidade do homem reprimido que já começa a se medievalizar, esperando a salvação do além, das energias cósmicas ou de qualquer milagre transmitido pela TV, nas madrugadas insones em que tenta adiar um amanhã sem perspectivas.

O DIVULGAÇÃO aprendeu com Oswald a ousadia antropofágica que hoje é marca de seus espetáculos e a potência de um sarcasmo profético com que, obstinadamente, luta contra obstáculos cada vez mais insólitos que a burocracia insiste em colocar à sua frente para testar sua garra.

Montar *O Homem e o Cavalo* é um desafio acalentado há muitos anos. Oswald de Andrade nos oferece um roteiro de desmistificação de todas as certezas absolutas, e é doloroso remexer feridas profundas. Mas é preciso oxigenar as verdades incontestáveis, nem que seja para abraçá-las com mais vigor. Como visionário das utopias e mestre dos ventos das contradições, ninguém melhor que Oswald para conhecer as pressões das culturas oficiais sobre a riqueza dinâmica da invenção.

Porque Oswald de Andrade é, sobretudo, o Mestre Sala da Invenção, o *barman* do coquetel indigesto da consciência sem máscaras que se revela na máscara do *palhaço da burguesia*. Só ele detém o chicote do auto-flagelo necessário, para que purguemos pecados de omissão por cada pequeno crime cometido contra nós e com o qual compactuamos.

## COM A PALAVRA, O PÚBLICO

**“É um grupo original, criativo e suas peças são muito interessantes” (FABIANA WERPEL, 16 anos)**

**“Um grupo de grande estima, que leva a imaginação das pessoas a ser alvo de um sucesso de sonhos e de um grande espetáculo” (FLÁVIO DOS SANTOS, 23 anos, operador de caixa)**

**“GRUPO DIVULGAÇÃO é muito batalhador, sempre apresentando peças enriquecedoras e foi assim que o teatro começou em nossa cidade” (MARIA APARECIDA LOPES, 44 anos, Orientadora Educacional)**

**“É um excelente grupo. Vale a pena fazer divulgação do seu trabalho” (MARIA DE LURDES LISBOA, 54 anos, professora)**

**“Palavras são poucas para exprimir o carinho que tenho pelo grupo. Tudo muito bem feito, com muito amor. (DIVA CABRAL, 55 anos, secretária executiva)**

**“Grupo empreendedor, que há anos divulga o teatro em Juiz de Fora, abrindo caminho para novos grupos. Apresenta peças interessantes, inteligentes” (ROSÂNGELA PINTO GUIMARÃES, 42 anos)**

**"Acho extremamente dinâmico, vibrante. Vejo seu diretor como uma pessoa sensacional, comprometido com a divulgação da cultura, lutando por um Brasil melhor." (OLGA G. STUSSI COELHO ROSA, 48 anos, Diretora de Escola).**

**"Muito bom. Quando os atores apresentam, transmitem uma grande emoção". (MARIA NAZÁRIA LISBOA, 32 anos)**

**"Admiro muito o trabalho do grupo, sempre encenando peças de excelente qualidade; parafraseando Mercado, nem profissionais encaram o teatro assim". (MAX LEANDRO DE PAULA ANDRADE, 23 anos, estudante)**

**"Acho muito competente, com muita força de vontade, disciplinado. Eu admiro muito a luta de vocês" (MARIA APARECIDA FERREIRA HONÓRIO)**

**"Muito bom. Os artistas trabalham muito bem e as peças são ótimas" (CAMILA FLORIANO GUIMARÃES, 12 anos, estudante).**

**"É um grupo de pessoas que trabalham sério com objetivos bem definidos e lutam por alcançá-los" (ANTÔNIA SOARES BRANDI, 53 anos, professora aposentada).**

**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS  
GRUPO DIVULGAÇÃO  
apresenta**

**O HOMEM E O CAVALO**

de  
**OSWALD DE ANDRADE**

Hierofante, Cavalo Branco de Napoleão,  
Mister Byron, Romancista Inglês,  
Vendedor de Câmbio Negro e Criança  
São Pedro  
Professor Icar  
Divo, Lord Capone, Barão Barrabás de  
Rotschild, Criança e Empregado  
Etelvina, Mme. Icar e Mme. Jesus  
Malvina e Magdalena  
Querubina, Pequena Burguesa,  
Mãe do Soldado Desconhecido e Galo  
Balduína, Criança, Verdade, Baronesa  
Swendemborg, Jornaleiro, Jó, Médico,  
Jesus Cristo, Cavalo de Figueiredo e  
Rádio  
Poeta Soldado, Stalin, Juiz, Tigre e  
Agente Secreto  
Faxineira, Cleópatra e Verônica  
Cavalo de Tróia, Cremador, Mestre  
da Barca, Eisenstein e Soldado  
Dramaturg e Figurino  
Iluminotécnica  
Sonotécnica  
Apoio Administrativo

Cartaz  
Trilha Sonora, Luz e Direção

Alessandro Barbosa  
Caíque Massena  
Augusto Alfredo

Pedro Chicri  
Márcia Falabella  
Rosânea Sasso

Fátima Amorim  
Érica Salazar

Rodolfo Lisboa

Felipe Saleme  
Andréa Honório

Carlos Brandi  
Malu Ribeiro  
Marise Mendes  
Patrícia Biage  
Virgínia Fonseca  
Giovanna de Carvalho  
Flávio Moraes  
Augusto França  
José Luiz Ribeiro

## GRUPO DIVULGAÇÃO

Espetáculos apresentados

### ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção  
O homem do século XX  
Antologia da mulher  
Amor em verso e canção II  
Nosso amor em verso e canção  
Poemas operários  
Poemineiro

### TEATRO INFANTIL

A onça de asas	Walmir Ayala
O circo de bonecos	Oscar von Pfuhl
História de lenços e ventos	Ilo Krugli
Nem tudo está azul no país azul	Gabriela Rabelo
Guairaká	José Luiz Ribeiro
O embarque de Noé	Maria Clara Machado
D. Baratinha	José Luiz Ribeiro
A gema do ovo da ema	Sylvia Orthoff
A colcha do gigante	Zuleika Mello
Girassinho	José Luiz Ribeiro
Putz, a menina que buscava o sol	Maria Helena Kühner
A noite dos duendes	José Luiz Ribeiro
Bem do seu tamanho	Ana Maria Machado
Sonho Pirata	Liliana Neves
Passa, passa, assombração	José Luiz Ribeiro
D. Chicote Mula-Manca	Oscar von Pfuhl
O rouxinol do pescador	José Luiz Ribeiro
O caju encantado	Paula Schmidt
Estórias pra boi dormir	José Luiz Ribeiro
O carteiro do rei	Tagore/José Luiz Ribeiro
O dragão verde	Maria Clara Machado

## GRUPO DIVULGAÇÃO OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião	Nerthan Macedo
O urso	Anton Tchekhov
Bodas de sangue	Garcia Lorca
Electra	Sófocles
Diário de um louco	Nicolai Gogol
Pequenos burgueses	Máximo Gorki
A visita da velha senhora	Dürrenmatt
Escola de mulheres	Molière
Escurial	Ghelderode
Romanceiro da Inconfidência	Cecilia Meireles
Maria Stuart	Schiller
A morta	Oswald de Andrade
O patinho torto	Coelho Netto
Yerma	Garcia Lorca
Seis personagens em busca de um autor	Pirandello
As criadas	Jean Genet
Arlequim servidor de dois amos	Carlo Goldoni
Calígula	Albert Camus
Guerra mais ou menos santa	Mário Brasini
Pedreira das almas	Jorge Andrade
Só o faraó tem alma	Silveira Sampaio
O beijo no asfalto	Nelson Rodrigues
Mas que papel, seu bacharel!	José Luiz Ribeiro
O estado de sítio	Albert Camus
Boca do inferno	Marcus Vinicius
A mandrágora	Maquiavel
O rei da vela	Oswald de Andrade
Como se fazia um deputado	França Júnior
Dr. Getúlio, sua vida e sua glória	Dias Gomes e Ferreira Gullar
O jardim das cerejeiras	Anton Tchekhov
Esta noite se improvisa	Pirandello
O inspetor geral	Nicolai Gogol
Fausto	Goëthe
Girança	José Luiz Ribeiro
A casa de Bernarda Alba	Garcia Lorca
Grito mudo	José Luiz Ribeiro
As aventuras do tio Patinhas	Augusto Boal
A aurora da minha vida	Naum Alves de Souza